

reflexões sobre

**ARTE** visual

v.4 n.19 outubro 2023

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*



***Quer olhar para a  
Arte Visual Contemporânea?***

***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

***Edição:***

Reflexões Vol.4, No.19, outubro 2023 – *Quer olhar para a Arte Visual Contemporânea?*

*Periodicidade: quinzenal*

*Campo Grande - MS*

*Capa: Foto invertida de Ai Weiwei, artista chinês contemporâneo.*  
<https://www.thecollector.com/ai-weiwei/>

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

*“O que isto quer dizer”?*  
Esta tem sido uma pergunta recorrente no senso comum em relação à Arte, em especial, à Arte Visual contemporânea. Não parece haver um consenso entre as pessoas no que diz respeito à apreciação tampouco à apreensão das Obras de Arte disponíveis nos ambientes e instituições que se dispõem a apresentar e difundir tais obras.

Tudo parece muito “hermético”, muito “elitizado”, muito “especializado” a ponto das pessoas comuns se confundirem e desistirem de se aproximar de muitas obras que desafiem sua compreensão. O mais comum é recorrer ao “Gosto” ou “Não Gosto”, tomando por base o que viu ou ouviu dizer durante sua vivência sociocultural, ou seja, quase nada. No entanto não são culpadas, apenas vítimas.

Um dos objetivos da publicação da Revista: *Reflexões sobre Arte Visual*, tem a finalidade disseminar e difundir informações sobre este campo de conhecimento. Como membro de instituição pública, entendo que esta é uma das funções inerentes às atividades docentes atribuídas ao exercício profissional no ensino superior decorrente da tríade: Ensino, Pesquisa e Extensão.

A edição desta revista autoral configurada, neste caso, como Projeto de Ensino de Graduação, atende simultaneamente às duas outras vertentes aqui mencionadas: a Pesquisa e a Extensão. As publicações, para serem realizadas, recorrem à pesquisa a partir do levantamento de dados, informações, notícias e, principalmente, à filtragem de tudo isto para promover a divulgação da Arte Visual.

A Extensão decorre das publicações, ou seja, os acessos obtidos em cada número compõem um acervo relevante de difusão que, nem sempre, seria atingido por meio de publicações físicas ou virtuais dedicadas apenas ao circuito acadêmico. Publicações em rede são mais acessíveis do que publicações físicas, além disso, recorrer ao uso de linguagem técnica menos rígida tende a facilitar o acesso de mais pessoas.

Portanto, o aspecto mais relevante em publicações abertas deste tipo, é a acessibilidade, ou seja, não há necessidade de deslocamento físico, nem de buscar em sites e bibliotecas especializadas por informações sobre conteúdo ou acontecimentos relevantes nesta área, a curadoria dedicada à publicação abrevia este processo e cumpre com os objetivos da extensão sem requerer quaisquer condicionantes.

A curadoria desenvolvida para a produção desta Revista contempla, principalmente, a pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Por ser uma publicação dedicada à difusão cultural na rede mundial de computadores, independe, neste caso, das exigências editoriais comuns às publicações institucionais e pertinentes a programas de pós-graduação vinculados ao sistema nacional de capacitação do pessoal de ensino superior.

Faço tais ponderações para esclarecer os fins almejados por tais publicações, como também para esclarecer a que público se destina. O público preferencial se constitui de estudantes de Arte Visual, professores e demais interessados por esta área de conhecimento. Isto posto, pode-se admitir que os procedimentos adotados para a produção e edição de tal material são válidos para sua manutenção.

O conjunto de razões aqui expostas, para introduzir este texto, quer deixar claro que os tópicos aqui apresentados decorrem da observação, leituras e análises realizadas neste campo de conhecimento. Além disso, tenta apresentar aspectos pertinentes às manifestações artísticas contemporâneas e situá-las dentro de ideias, categorias e conceitos com o fim de apontar, esclarecer e informar.

Requer também um olhar não só receptivo, mas analítico, na medida em que tais aspectos podem estimular outras e diferentes abordagens e entendimentos que não são necessariamente inválidos, mas diferenciados. Como se trata da observação de manifestações que estão acontecendo na atualidade, nem sempre, sua compreensão é definitiva, mas transitória, portanto, mutável...

Para facilitar este tipo de abordagem a opção foi identificar alguns tópicos capazes de condensar aspectos que representassem uma posição estética, conceitual ou propositiva e além disso que respondessem a questões recorrentes neste campo de conhecimento. Neste sentido, cada um dos tópicos será explicitado de acordo com o viés conceitual adotado para sua análise.

Antes de tudo é necessário admitir um pressuposto elementar que se refere a ideia de Arte. Não se pode confiar que todas as pessoas ao ouvirem esta palavra entendam exatamente a mesma coisa. Logo, a primeira tarefa é estabelecer parâmetros capazes de facilitar este entendimento. Neste sentido seria preciso primeiro entender O que é Arte. Nos meus anos de magistério desenvolvi uma solução didática plausível:

“*Arte é a manifestação estética da humanidade*”.

Nesta definição há três pontos importantes:

1. *Manifestação*, a existência intencional, real e perceptível das Obras de Arte no mundo natural e sociocultural; 2. *Estética*, a condição propositiva e conceitual que a difere de todas as outras manifestações corriqueiras, cotidianas e banais do mundo e sua condição (3.) *Humana*, pois nenhum outro ser conhecido a realiza.

Outra questão importante é delimitar a ideia de Contemporâneo. Grosso modo contemporâneo é o mesmo que o tempo atual, o que ocorre num ciclo de vida de uma pessoa, grupo ou civilização num dado período de tempo. O que era contemporâneo na antiguidade, não o é atualmente. No contexto da Arte Visual e de acordo com as transformações mais radicais, costuma-se dizer que a Arte Contemporânea passa a existir no século XX.

Especialmente quando começam a se esgotar as proposições decorrentes dos movimentos e vanguardas Modernistas, por volta das décadas de 1950, 60 e 70 nas quais os processos conceituais Modernos já não atendiam ou supriam as necessidades conceituais e tecnológicas do mundo que se desenhava a partir de então, fosse no que diz respeito aos sistemas de produção, consumo e comunicação.

No momento em que a comunicação de massa promoveu e deu forma à chamada Indústria Cultural, ela se desenvolve e ocupa as mídias sociais e desaparecem as certezas que definiam os conceitos anteriores, surgidas na antiguidade, aquecidas no Renascimento, difundidas no Neoclássico e transferidas pelas academias de Belas Artes por meio de normas e cânones hegemônicos.

A partir de então entram em cena outros meios de comunicação e com eles também outras estratégias de expressão, criação e proposição abrindo novos horizontes criativos e conceituais. A partir de então costuma-se nomear de Pós-Modernidade este momento, cuja consequência é a Arte Contemporânea. Neste sentido a datação mais razoável compreende estas três décadas e posteriores até o século XXI.

Contudo não é possível identificar um “*Estilo*” que compreenda ou aglutine o que se pode chamar de Arte Contemporânea. Ao contrário do que aconteceu em alguns períodos nos quais era possível inferir aspectos comuns relativos à aparência e condicionantes das manifestações artísticas. Na contemporaneidade isto não é possível, portanto, requer tirocínio antes de qualquer coisa.

Um primeiro aspecto a considerar é a compreensão de que as manifestações artísticas contemporâneas não se referem mais ao visível ou Belo no sentido da reprodução do mundo natural ou na produção de imagens reconhecíveis que se refiram a ele. Na maioria das vezes a questão é *Conceitual* e requer a compreensão da *Proposição* que se mostra ou como se constitui antes de ser tomada por algo conhecido.

Portanto é preciso admitir que as manifestações contemporâneas se referem a *Ideias* e *Conceitos* e não necessariamente a imagens no sentido tradicional. Se para boa parte da Arte tradicional era necessário o conhecimento da mitologia, da vida de santos, deuses e heróis, para a Arte contemporânea é necessário conhecer as proposições artísticas para compreender melhor as ideias operadas, abordadas por elas e não descritas por elas.

Um segundo aspecto leva em conta que todas as abordagens e teorias estéticas desenvolvidas até fins do século XIX não atendem mais aos problemas e proposições das manifestações atuais, portando, recorrer às especulações anteriores se tornou um comportamento anacrônico que já foi suplantado por teóricos e estudiosos e estetas na contemporaneidade expandindo o pensamento para a atualidade.

Um terceiro aspecto diz respeito às mudanças de apresentação das Obras de Arte. Antes o que se tinha eram obras configuradas em estruturas e/ou suportes tradicionais como, por exemplo, papel, telas, pedra, metal, madeira entre outros, na atualidade, embora muitos artistas usem tais suportes, competem com eles as Instalações, Intervenções, Performances, Projeções a *laser* ou a criação de realidade aumentada ou expandida em meio digital.

Um quarto aspecto leva em conta a atitude de apreciadores e espectadores. Não se espera deles uma contemplação passiva, cuja característica era se postar diante da obra e esperar que ela lhe dissesse tudo a partir da simples interpretação das imagens ali expostas. A Arte Contemporânea requer reflexão, análise, proatividade, um comportamento ativo e participativo.

Não é possível esperar que as obras atuais “levem o espectador pela mão até o seu desfecho final”. Grande parte das instituições de Arte como as museológicas, galerias públicas ou privadas investem em projetos expositivos capazes de motivar e explicitar o percurso tanto gerativo quanto apreciativo de tal modo que muitas mostras assumem uma posição pedagógica, quase didática.

Um quinto aspecto se refere à *Subjetividade* que, por vezes, transparece na Arte Contemporânea. Ao contrário de tratar de questões grandiosas ou alegóricas, a opção é recorrer a questões pontuais, incômodos sociais, discriminações, provocações ou mesmo denúncias que requerem um posicionamento do público e não apenas sua contemplação ou apreciação.

Os efeitos obtidos por muitas obras nem sempre são agradáveis, aceitáveis ou complacentes, vez ou outra provocam revolta, asco, medo e maledicência. As manifestações não se dedicam apenas a “encantar” quem quer que seja, mas a revelar aspectos que, nem sempre, a sociedade está disposta a ver tampouco debater dentro de seus nichos de domínio ou convicções.

A autonomia e liberdade de criação e expressão atuais possibilitam tanto a desmaterialização, descorporificação, transitoriedade e obsolescência das próprias obras quanto a multiplicidade de processos e incorporação de novos recursos tecnológicos que lhes dão existência virtual seja por meio de projeção ou transmissão na rede mundial de computadores. Neste sentido não exigem mais corpos físicos, apenas arranjos alfanuméricos.

As ocupações espaciais por meio de intervenções, ocorrências, instalações e performances possibilitam a imersão dos espectadores e o desenvolvimento de novos processos tanto de mediação quanto de apreciação. Não há mais limites, fronteiras ou gêneros que impeçam a Arte de existir em vários lugares ou meios. Sua existência é quase uma onipresença no tempo atual.

Todos estes aspectos requerem de quem se dispõe a visitar uma mostra de Arte Visual Contemporânea a aceitação de algumas condicionantes: uma delas diz respeito à expectativa do que irá participar. Não é possível antever ou imaginar do que se trata ou o que esperar há, quase sempre, um elemento surpresa que acompanhará o espectador até o momento da mostra.

Outra delas diz respeito a observar os indicadores propostos pelo artista, pelos curadores, pela instituição expositiva que, de algum modo, estará disponibilizando aos visitantes algumas pistas, intenções e proposições que orientam tal evento. Do mesmo modo que os apreciadores das sinfonias tradicionais recebiam folhetos com os enredos propostos pelos compositores isto também pode ocorrer na Arte Visual.

Não entender do que se trata ou o que se apresenta numa mostra de Arte Visual Contemporânea não é um pecado. Como disse no início: o público não é culpado por não ter as condições culturais para a apreciação das Obras de Arte, mas sim uma vítima das circunstâncias e indigência educacional e social que vêm ocorrendo há décadas, com isto, a distância entre a cultura e o conhecimento é imensa.

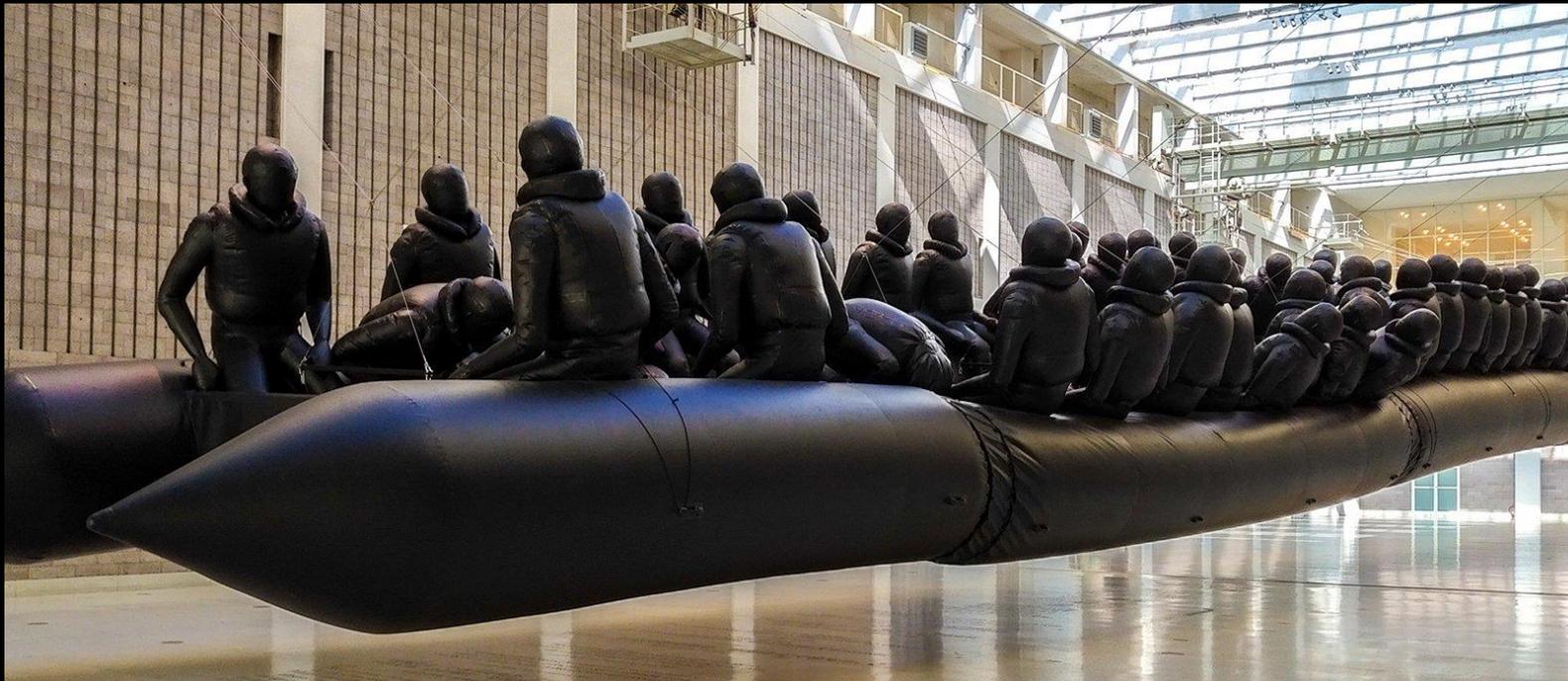
Quem dispõe de informação e consciência social, pode se dedicar a apreciação e apreensão de tais obras como um meio de criar diálogos com o mundo atual. Como uma estratégia para não se distanciar das questões humanas e humanitárias obliteradas pelos sistemas dominantes ao criar uma “cegueira social” travestindo de oportunidade as mazelas sociais e arrefecendo a discriminação com a desinformação.

Ao tomar a Arte como uma extensão da sociedade, não fica difícil distinguir as obras que se colocam no *front* da discussão sobre o contexto atual. Neste sentido há artistas, coletivos, grupos e manifestações que atuam na contramão do sistema abrindo debates e tomada de consciência sobre as condições do mundo atual, seja em relação às condições da própria Arte ou em relação às pessoas, à sociedade ou meio ambiente.

O engajamento proposto pela manifestações artísticas atuais é uma de suas características mais importantes. Por meio dela é possível buscar a conscientização ausente ou alheia aos sistemas institucionalizados. Esta é uma das tendências que ainda garantem a relevância da Arte no contexto atual e que lhe conferem vigência e validade identificando-a com a sociedade contemporânea.

Usei na capa desta edição uma foto invertida de Ai Weiwei, artista militante chinês que tem como uma de suas proposições estéticas assumir as “dores do mundo”. Nos últimos anos vem abordando a crise mundial dos refugiados provocada pelas guerras, perseguições étnicas, políticas e discriminatórias. Ao lado uma performance na qual ele destrói um vaso da Dinastia Han Urn em 1975. Uma de suas primeiras atitudes irreverentes no contexto da Arte Visual Contemporânea.





A “Lei da Viagem”, é uma instalação de Ai Weiwei, constituída por um barco de 60 metros, feito de borracha semelhante aos utilizados pelos refugiados para cruzar os mares em busca de apoio humanitário. Contém 300 bonecos de borracha representando crianças, mulheres e homens.



A instalação monumental *Life Jackets*, construída em Québec, no Canadá, com 2.000 coletes salva-vidas utilizados por refugiados sírios e coletados na Grécia por Ai Weiwei. Os coletes salva-vidas ocupam as muralhas defensivas da Bateria Real de Québec. Foto de Stéphane Bourgeois.

Olafur Eliasson é um artista dinamarquês que cria instalações imersivas para nos fazer pensar sobre os impactos sobre o meio ambiente. Os elementos climáticos como luz, água, terra, temperatura fazem parte de suas instalações em busca da conscientização sobre as condições da natureza e a intervenção humana. Ao lado a Instalação no Instituto Inhotim: By means of a Sudden Intuitive Realization. Toma como ponto de partida, as criações de Richard Buckminster Fuller que se inspirava em formas geodésicas presentes na natureza para projetar construções simples e sustentáveis. A obra abriga internamente um jato vertical de água que, sob o efeito da luz estroboscópica, parece estar em constante suspensão sugerindo uma escultura.





A instalação *Ice Watch*, de Olafur Eliasson, é composta por 12 grandes blocos de gelo colhidos de um fiorde da Groenlândia designando um relógio que demonstra o desaparecimento do gelo ao passar do tempo, a foto é de Martin Argyroglo, foi realizada em Copenhague em 2014, em referência à publicação do Quinto Relatório de Avaliação sobre Mudanças Climáticas do IPCC da ONU; em Paris, em 2015, por ocasião da Conferência do Clima da ONU COP21.



*Movimento Meditado* foi uma instalação em grande escala nos quatro andares do Kunsthaus Bregenz na Áustria, em 2001. O projeto foi concebido em colaboração com Günther Vogt, arquiteto paisagista, para reproduzir, em ambiente expositivo, as condições da natureza. <https://hicarquitectura.com/2020/06/olafur-eliasson-the-mediated-motion/>

No Brasil, vale citar a 35.<sup>a</sup> edição da Bienal de São Paulo, 2023, intitulada: *Coreografias do Impossível*, cujos temas abordam questões como descolonização, ambientalismo e a resistência contra quadros políticos opressivos. Uma das edições mais diversificadas quanto ao foco e a participação de artistas da América do Sul, com mais de 1.000 obras, 121 artistas, sendo que mais de 80% não-brancos.

A curadoria responsável por esta edição é composta pela brasileira Diane Lima, a artista e escritora portuguesa Grada Kilomba, o curador e antropólogo brasileiro Hélio Menezes e o artista e curador espanhol Manuel Borja-Villel. A proposta desta mostra revela o que apontei nesta edição: a preocupação da Arte de não ser apenas algo que ilustra ou decora, mas que interage com a sociedade.



*Outres* de Daniel Lie (2023), na exposição da 35ª Bienal de São Paulo, *Coreografias do Impossível*, foto Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo.



Instalação *Mimenekenu É Lá Tempo* (2023) de Ana Pi e Taata Kwa Nkisi Mutá Imé na 35ª Bienal de São Paulo, *Coreografias do Impossível*, foto Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo



*Vista da instalação do Templo de Oxála de Rubem Valentim (1977) na 35ª Bienal de São Paulo, Coreografias do Impossível, foto Levi Fanan / Fundação Bienal de São Paulo. Uma justa homenagem e reconhecimento a um dos primeiros artistas a tocar nas questões da religiosidade afrodescendente, mesmo antes do reconhecimento do Candomblé como religião em 1976.*

Creio que, com este panorama, tenha dirimido dúvidas que por ventura tivesse e estimulado você a refletir sobre os caminhos da Arte Visual Contemporânea. Entender a Arte é também entender o ser humano. Uma não vive sem o outro e as mediações são necessárias para que tais ocorrências e manifestações não fiquem apenas nos meios restritos de difusão como museus e galerias.

Como se sabe, hoje em dia, além das mostras e intervenções ambientais, restritas ou abertas, é possível acessar informações sobre Arte na rede mundial de computadores, mas é necessário aceitar também que ter acesso não significa entender ou compreender, há que dedicar algum esforço para adquirir meios intelectuais que atuem como filtros e proporcionem análises em prol do conhecimento.